

## Simpósio Terminalidade da vida



### Apresentação

### Sobre a morte

Doutor, agora que estamos sozinhos quero lhe fazer uma pergunta: *“Será que escapo dessa?”* Mas, por favor, não responda agora, porque sei o que vai dizer. O senhor vai desconversar e responder: *“Estamos fazendo tudo o que é possível para que você viva”*. Mas nesse momento não estou interessada naquilo que o senhor e todos os médicos do mundo estão fazendo. Olhe, sou uma mulher inteligente. Sei a resposta para a minha pergunta. Os sinais são claros. Sei que vou morrer.

O que desejo é que me ajude a morrer. Morrer é difícil. Não só por causa da morte mesma, mas porque todos, na melhor das intenções, a cercam de mentiras. Sei que na escola de medicina os senhores aprendem a ajudar as pessoas a viver. Mas haverá professores que ensinem a arte de ajudar as pessoas a morrer? Ou isso não faz parte dos saberes de um médico? Meus parentes mais queridos se sentem perdidos. Quando quero falar sobre a morte, logo dizem: *“Tira essa idéia de morte da cabeça. Você estará boa logo...”*. Mentem. Então me calo. Quando saem do quarto, choram.

Sei que me amam. Querem me enganar para me poupar de sofrimento. Mas são fracos e não sabem o que falar... Fico então numa grande solidão. Não há ninguém com quem possa conversar honestamente. Fica tudo num faz-de-conta...

Rubem Alves



As visitas vêm, assentam-se, sorriem, comentam as coisas do cotidiano. Fazem de conta que estão realizando uma visita normal. Até me esforço por ser delicada. Sorrio. Acho estranho que uma pessoa que está morrendo tenha a obrigação social de ser delicada com as visitas. As coisas sobre o que falam não me interessam. Elas pensam que estou ali na cama. Não sabem que já estou longe. Sou “uma ausência que se demora, uma despedida pronta a cumprir-se...”. Remo minha canoa no grande rio, rumo à terceira margem. Meu tempo é curto e não posso desperdiçá-lo ouvindo banalidades. Contaram-me de um teólogo místico que teve um tumor no cérebro. O médico lhe disse a verdade: *“O senhor tem mais seis meses de vida...”*. Aí, ele se virou para sua mulher e disse: *“Chegou a hora das liturgias do morrer. Quero ficar só com você. Leremos juntos os poemas e ouviremos as músicas do morrer e do viver. A morte é o acorde final dessa sonata que é a vida. Toda sonata tem de terminar. Tudo o que é perfeito deseja morrer. Vida e morte se pertencem. E não quero que essa solidão bonita seja perturbada por pessoas que têm medo de olhar para a morte. Quero a companhia de uns poucos amigos que conversarão comigo sem dissimulações. Ou somente ficarão em silêncio”*.

Enquanto pude, li os poetas. Nesses dias eles têm sido os meus companheiros. Seus poemas conversam comigo. Os religiosos não me ajudam. Eles nada sabem sobre poesia. O que sabem são doutrinas sobre o outro mundo. Mas o outro mundo não me interessa. Não vou gastar o meu tempo pensando nele.

Se Deus existe, então não há porque me preocupar com o outro mundo, porque Deus é amor. Se Deus não existe, então não há porque me preocupar com o outro mundo, porque ele não existe e nada me faltará se eu mesmo faltará. Ah! Como seria bom se as pessoas que me amam me lessem os poemas que amo. Então sentiria a presença de Deus. Ouvir música e ler poesia são, para mim, as manifestações do sagrado.

A consciência da proximidade da morte me tornou lúcida. Meus sentimentos ficaram simples e claros. O que sinto é tristeza, porque não quero morrer e a vida é cheia de tantas coisas boas. Um amigo me contou que sua filha de dois anos o acordou pela manhã e perguntou: *“Papai, quando você morrer você vai sentir saudades?”* Foi o jeito que ela teve de dizer: *“Papai, quando você morrer eu vou sentir saudades...”*

Na cama o dia todo, fico a meditar: nas escolas ensinam-se tantas coisas inúteis que não servem para nada. Mas nada se ensina sobre o morrer. Me diga, doutor: *“O que lhe ensinaram na escola de medicina sobre o morrer?”* Sei que lhe ensinaram muito sobre a morte como fenômeno biológico. Mas o que lhe ensinaram sobre a morte como experiência humana? Para isso, teria sido necessário que os médicos lessem os poetas. Os poetas foram lidos como parte do seu currículo? Nada lhe ensinaram sobre o morrer humano porque ele não pode ser dito

com a linguagem da ciência. A ciência só lida com generalidades. Mas a morte de uma pessoa é um evento único, nunca houve e nunca haverá outro igual. Minha morte será única no universo! Uma estrela vai se apagar... Nesse ponto seus remédios são totalmente inúteis. O senhor os receita como desencargo de consciência, para consolar a minha família, ilusões para lhes dizer que algo está sendo feito. O senhor está tentando dar-lhes esperança. Mas há um momento da vida em que é preciso perder a esperança. Abandonada a esperança, a luta cessa e vem então a paz.

E agora, doutor, depois de eu ter falado, me responda: *“Será que saio dessa?”* Então ficarei feliz se o senhor não me der aquela resposta boba, mas se assentar ao lado da minha cama e, olhando nos meus olhos, me disser: *“Você está com medo de morrer. Eu também tenho medo de morrer...”*

Mas há algo que os seus remédios podem fazer. Não quero morrer com dor. E a ciência tem recursos para isso. Muitos médicos se enchem de escrúpulos por receio de que os sedativos matem. Mas lhe digo: isso é fazer com que o final da sonata não seja um acorde de beleza, mas um acorde de gritos. A vida humana tem a ver com a possibilidade de alegria! Quando a possibilidade de alegria se vai, a vida humana se vai também. E esse é o meu último pedido: quero que minha sonata termine bonita e em paz...